SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXXII

JUNHO DE 1976

N.º 372

Avulso Esc. 5$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

TERRA QUEIMADA, GENTE ACORDADA

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Aos meus irmãos escoteiros:

A situação a que nos dizem termos chegado, e já bem o vamos sentindo, tem sido causada pela ponta do cigarro a arder, displicentemente atirada do automóvel que passa veloz e inconsciente (como aquele que o guia) ou o canto da cigarra lendária: lembram-se? «cantaste, pois dança agora!»

Hoje há mais do que esses dois emblemas — o cigarro e a cigarra, ou sejam a imprudência e a preguiça, ambas filhas do Egoísmo e da Deixa-andar, casal infeliz! Há também o complexo próprio dum povo que, na sua fatal pequenez de espaço, esquece nobres tradições e despreza a tradicional imaginação que tem, julgando preferível imitar servilmente outros povos.

Um dos famosos «heterónimos» de Fernando Pessoa (ou outro colaborador do «Orfeu»?) deixou-nos esta frase, aliás ambígua: «Não fazer nada é a minha perdição!»

Pois é: uma perdição. Nós, descendentes que somos dos esforçados fabricantes dos milenares socalcos onde se criam as belas uvas do Douro, gotas perfumantes e saborosas do húmus e do sol, assim como dos já seculares construtores de aventura e resistência, dos castelos e muralhas que ainda hoje espantam quem os observa, desde Marrocos até à Etiópia, deixamo-nos ficar para trás, depois dos descobrimentos que a civilização nos ficou a dever. Para trás na iniciativa e na imaginação afogadas, quase ficamos a trocar «panos da costa» por bolas de cauchu, no sertão africano. Ou ficamos por lá tribalizados. Nem a cana-doce ou o cacau, mal ou pouco industrializados, nem o queijo-da-serra, sem igual apesar de curado por métodos primitivos, foram suficiente motor da vida dum povo que continuava em «sua casa», com as mãos à rabiça do arado de madeira, e, por muito tempo, a exportar cortiça em bruto e a importar rolhas!

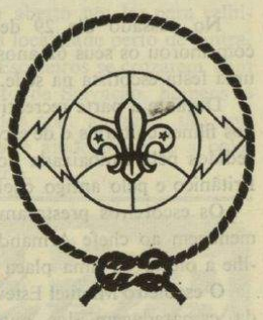
Só os povos em decadência se abandonam à preguiça, a dos braços e a dos cérebros, contentando-se em *mandar*, a tal «glória de mandar, a vã cobiça que os homens falsamente chamam fama».

O «Velho do Restelo» é filho do génio camoniano, tanto como o gigante Adamastor! Agora irá ele encher o palco, enquanto o gigante recolhe a bastidores. Cessou a Aventura? Voltemos para casa. Chamemos o saudoso Alpedrinha de Eça de Queirós, sempre choroso e sempre arredio. Reajamos... em avanço. E digamos a verdade, a nós e aos outros. Até a do Eça tem de fazer «strip-tease», ou lá o que é, ali na rua do Alecrim.

Em séculos e séculos de avanços e recuos, a aristocracia mais ou menos feudal venceu a selva com seus cabaneiros; a burguesia e a conquista dos

Continua na pág. 7

1976 TODOS PRONTOS PARA COMUNICAR



Durante o Outono de 1973, o Conselho Mundial criou um grupo de trabalho para as comunicações internas (Projecto «Intercom»), em resultado de um debate travado entre os comissários internacionais na Conferência de Nairobi.

Um triunvirato, dirigido por Dimitri (Rann) Alexatos, que bem depressa se alargou, ao incluir os cinco representantes regionais e dois membros do pessoal da Secretaria Mundial, elaborou o projecto de trabalho. Os esforços deste grupo transformaram-se como que numa bola de neve, de sorte que quase todos os países participaram no projecto final do relatório que foi submetido à 25.ª Conferência Mundial.

O inquérito levado a efeito com a ajuda de 32 conselheiros e peritos, revelou

Continua na pág. 6

A CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES

Quando os nossos estimados leitores receberem esta edição do nosso jornal, já a Conferência de Dirigentes, que temos vindo a anunciar, terá encerrado os seus trabalhos.

O programa dos trabalhos desta Conferência marcava a sessão de abertura para a manhã do dia 3 de Julho, na sala da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, corporação que, mais uma vez, dispensa ao nosso movimento uma colaboração que nunca é de mais salientar. Esta sessão seria reservada aos trabalhos preparatórios de apresentação dos participantes, elaboração da agenda, exposição da Direcção sobre o estado da AEP e outros assuntos eventuais.

Nas outras sessões, marcadas para a tarde e a noite desse dia e para o seguinte, seriam dedicados a discussão dos estatutos, matérias de natureza regulamentar, eleições, outros assuntos e conclusões.

No próximo número, contamos dar a este acontecimento o relevo que realmente merece.



Grupo n.º 7

62.º Aniversário

No passado dia 29 de Maio, este grupo comemorou os seus 62 anos de existência com uma festa escotista na sede.

Durante a parte recreativa, foram projectados filmes culturais e de escotismo, gentilmente cedidos pela Embaixada do Canadá, Instituto Britânico e pelo antigo chefe Miguel Martins.

Os escoteiros prestaram também uma homenagem ao chefe Armando Carlos, fazendo-lhe a oferta de uma placa de agradecimento.

O escoteiro Manuel Esteves também foi alvo da camaradagem dos outros elementos do grupo, pois foi-lhe entregue um disco pelo trabalho escotista que tem desenvolvido.

Depois destas cerimónias, prestaram o seu compromisso de honra os seguintes escoteiros e aquelás: Pedro Aniceto, Luís Carlos, Luís Dinis, Jorge Augusto, Carlos Fernando, António Manuel, Pisco Maio, Maria Isabel e Cristina Esteves.

Nos dias 13/14 de Junho, este grupo encerrou as festas do aniversário com um acampamento no Parque de Escotismo da Caparica.

Neste acampamento, estiveram presentes antigos escoteiros e familiares dos actuais.

O almoço, organizado em conjunto, constou de uma sardinhada à lisboeta.

«*Sempre Pronto*», deseja novos anos de bom escotismo a esta tão antiga unidade dos Escoteiros de Portugal.

Grupo N.º 8

A Nova Voz

Mais um novo jornal escotista copiografado, foi lançado através do grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal.

Apesar de pequeno, contém assuntos muito variados como convém a um grupo de escoteiros.

Agradecendo o exemplar que nos remeteram, desejamos longa vida a este nosso novo colega.

Festa Escotista

No passado dia 29 de Maio, este grupo realizou na sua sede uma festa escotista e recreativa que teve a colaboração do grupo n.º 93, de Sintra.

Na primeira parte do programa, foi representada uma adaptação da peça «Maria Migalha» pelos escoteiros do grupo n.º 8.

A segunda parte foi preenchida pelos escoteiros do grupo n.º 93, que executaram entreactos cómicos e variadas canções de muito agrado para a assistência.

No final, houve um acto solene, durante o qual fizeram o compromisso de honra os seguintes escoteiros:

Américo Barreiros, que ingressou na patrulha «Leão», António Nazareth e Manuel Nazareth, que ingressaram na patrulha «Águia», António Valadão, que ingressou na patrulha «Falcão», Hélder Figueiredo, que ingressou na patrulha «Lobo», João Andrade Santos, Henrique Cunha e João Pedro, que ingressaram na patrulha «Chacal».

Aos novos escoteiros, desejamos bom escotismo.

Grupo n.º 13

Este grupo, anexo à Casa Pia de Lisboa e que tem a sua sede em Belém, encontra-se agora em plena fase de reorganização.

Orientado por uma equipa de quatro escoteiros dos mais antigos do grupo, começou a despontar para um escotismo organizado e empreendedor.

Nos dias 29/30 de Maio último, organizou um acampamento no Parque de Escotismo da Caparica, durante o qual o chefe Luís Gonçalves, o mais velho elemento da equipa orientadora, tomou o compromisso de honra dos seguintes escoteiros: José Pedro Namora, Luís Alberto Freitas, Jorge Manuel da Silva, António José da Silva, José Manuel Oliveira, José Maria Pinheiro Ferreira, José Manuel Silva Lino, José Manuel Sampaio e Joaquim Manuel Simões. Os dois primeiros escoteiros ingressaram na patrulha «Esquilo» e os restantes nas patrulhas «Canguru» e «Foca».

Aos nossos companheiros, desejamos longa vida e bom escotismo.

A. I.

LX Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo
do Ano Internacional da Mulher

Que seria este mundo, meus amigos,
se deixasse a Mulher de ser mulher?
No lar é mãe, e mãe também nos
perigos onde o homem sozinho se
não quer!

Nos hospitais é mãe, como enfer-
[meira,
na Cruz Vermelha, mãe tem ela sido.
Nos desastres da vida é companheira
de pais, irmãos e filhos; e marido.

Bendita sejas pois, Mulher, como eu
[te vejo
do Lar trazendo ao mundo paz e
[amor:
seja um facho real o meu desejo
em prece transformado, ao Criador.

EDUARDO MOREIRA

O Grupo 119 (CNE), de Coruche, promove o IV Encontro de Fraternidade Escotista

O activo Agrupamento 119, de Coruche, vai promover, de 23 a 29 do próximo mês de Agosto, um acampamento em Agolada de Cima, localidade a 3 km. de Coruche.

O acampamento realiza-se em frondosa e extensa mata, com rica flora e fauna e outros encantos naturais, como sejam açudes, árvores centenárias, etc.

O campo é dividido em vários subcampos para as diversas secções, estando reservado um outro, destinado a veteranos. O acampamento disporá de todas as necessárias instalações, bem como de um posto de primeiros socorros, restaurante, bar, posto de radioamador em funcionamento, e ainda uma tenda com uma exposição do Agrupamento Nacional de Protecção à Natureza.

A participação é sujeita a inscrição prévia.

Nas estações ferroviárias que servem o acampamento (Coruche e Agolada), há viaturas para o transporte de pessoas e material.

Os escoteiros de Coruche convidam os seus companheiros de todo o país a fazer deste IV Encontro o Acampamento de Amizade dos Escoteiros Portugueses.

Novos Grupos de Escoteiros

Felizmente com certa frequência, o Boletim Oficial da AEP está publicando notícias sobre a fundação de grupos de escoteiros. Ainda recentemente foi formado em Lamego uma dessas unidades a que foi dado o número 53.

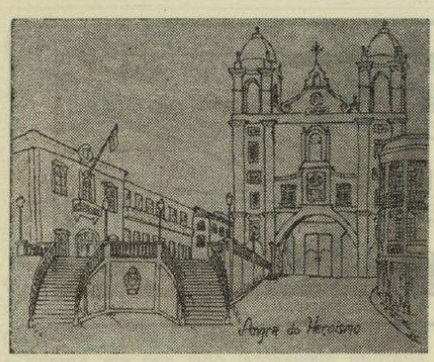
Na sua singeleza, este caso veio pôr termo à história de um dos grupos por onde passou valioso punhado de escoteiros de que o nosso movimento se orgulha. Referimo-nos ao grupo que funcionou na Rua das Janelas Verdes, em Lisboa, que também teve o número 53 e por onde passaram escoteiros muito credenciados, como David Baudouin, agora falecido, Henrique Alves de Azevedo, Armando Lino, o nosso colaborador Rui Cunha, José Sequeira, Mário Rocha Santos, os irmãos Sestelo, os irmãos Carvalho, Cláudio Merelo, José Rafael Baudouin, o Rana e tantos, tantos outros.

É nossa opinião que, nos casos de grupos que tenham atingido certa notoriedade, o número por que foram conhecidos devia ficar cativo, embora tenham deixado de funcionar. Não seria por falta de outros números que não apareceriam novos grupos e dava-se a oportunidade, por mais vaga que ela fosse, de o grupo vir a ressurgir, perspectiva que talvez se perca irremediavelmente quando o número é também perdido.

Uma responsabilidade têm agora os escoteiros lamecenses, que é a de dignificarem o prestígio que os antigos escoteiros do 53 souberam granjear. Se tal conseguirem, vamos ter um grande grupo de escoteiros em Lamego.

Algumas pessoas se queixam de as rosas terem espinhos. Pois eu alegro-me por os espinhos terem rosas.

ALPHONSE KARR



AÇORES

O Escotismo em Angra do Heroísmo

Dia Mundial do Escoteiro

A 23 de Abril, Dia Mundial do Escoteiro, o Grupo N.° 52 da AEP, desta cidade, comemorou a efeméride com a instalação na sua sede dum posto do correio, tendo emitido um sobrescrito alusivo ao 4.° artigo da Lei do Escoteiro, com carimbo especial, que foi aposto em toda a correspondência dali expedida no dia 23.

Paralelamente, funcionou na sede do Grupo, uma pequena exposição escotista com trabalhos manuais, fotografias e jornais.

À noite, realizou-se a reunião geral do Grupo, muito concorrida, com elementos das três divisões, que terminou com a tradicional ratificação do compromisso de honra, por parte dos escoteiros presentes.

Fraternal dos Antigos Escoteiros

No sábado, 24 de Abril, efectuou-se o 15.° jantar anual de convívio do Núcleo de Angra do Heroísmo da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, no Salão Nobre do Sport Club Angrense, tendo tomado parte, além do Delegado Regional, E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, entre outros, os companheiros Eduardo Gomes da Silva, D. Maria Teresa G. Silva, Dr. Francisco Mendes Pereira, Dr. Henrique Braz, António Deodato Ferreira, Aurélio Bett. Borges, prof. Leopoldino Tavares, Norberto Borba, Ludgero Moreira, João Orlando Valentim e João Borges Pimentel (este da Ilha de Santa Maria).

A actividade decorreu dentro do mais puro espírito escotista, e deu origem a interessantes trocas de impressões.

A reunião foi iniciada com breves palavras de saudação aos presentes, por parte do Delegado da F. A. E. P. — *C.*

Corrigenda

No número de Abril/Maio últimos, na notícia do falecimento da sr.ª D. Adelaide Valentim, ocorreu lamentável lapso, devido a um salto na composição que nos apressamos a emendar.

Por esse motivo, e corrigindo a referida notícia, informamos que a extinta senhora era casada com o sr. João Vieira Valentim e mãe dos srs. João Orlando Pereira Valentim, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Ávila Moniz Silva Valentim; Fernando O. Pereira Valentim, casado com a sr.ª D. Olinda M. P. Pereira Valentim; e das sr.as. prof.ª D. Virgínia Maria Borges Pereira; D. Maria Borges Pereira; D. Humberta Borges Medeiros e D. Fernanda Maria Borges Pereira, casada com o sr. Hermínio Mendes Vieira.

A todos os amigos, as nossas desculpas.

O Exército de Salvação trabalha em Portugal desde 1972

Winston Churchill declarou certa vez: *Nenhuma grande batalha sobre o inimigo ganharam os três mais famosos generais que conheci: entretanto os seus nomes que começam por um «B» vivem em todas as bocas. Quem não conhece um Botha, um Baden-Powell, um General Booth? Ao General Booth devemos o Exército de Salvação; a Botha a África do Sul; a Baden-Powell o Movimento Escoteiro.*

Esta conhecida afirmação de Churchill criou uma certa afinidade entre Booth e Baden-Powell, afinidade que se afirma melhor no sentido social que os dois movimentos prosseguem, ambos fundados na Grã-Bretanha. William Booth, impressionado com a situação de pobreza e pecado das populações dos bairros mais miseráveis do leste de Londres, fundou, em 1865, a Missão Cristã, que depois veio a denominar-se «The Salvation Army». Foi assim precursor do espírito de serviço, da *boa acção*, que mais tarde o Escotismo adoptou.

Em Portugal, o Exército de Salvação era quase ignorado e só alguns filmes, de quando em vez, nos ofereciam aspectos da benemérita e filantrópica acção dos *soldados* deste Movimento.

O Exército de Salvação preocupa-se com o homem no seu conjunto psicossomático — corpo e alma. É um movimento religioso, pregando o Evangelho, mas sem espírito sectário, sem ser uma igreja. Procura as classes mais modestas da Sociedade, aquelas que se encontram em situação aflitiva, e, antes de lhes anunciar o Evangelho, procura resolver as suas dificuldades, modificando e melhorando o ambiente tantas vezes miserável em que vivem.

Uma característica que pode surpreender os escoteiros é que os soldados do Exército de Salvação também usam farda, um uniforme, e em muitos países diversos grupos de escoteiros são patrocinados por esta útil organização.

O «Exército» tem três categorias de membros: Soldados, Oficiais e Aderentes ou membros congregados. Os convertidos, desejosos de ser soldados, passam primeiramente por um período de prova, como Recrutas, e depois de um Compromisso e de terem assinado os «Artigos de Fé», são alistados. Aqui encontramos mais afinidades com o Escotismo. Os soldados continuam nas suas profissões e dedicam os tempos livres ao serviço, contribuindo ainda para a manutenção da obra. Toda a organização tem hierarquia militar.

O Exército de Salvação existe em 82 países, prega em 106 línguas diferentes e publica 114 periódicos diversos. Exerce uma acção directa junto de alcoólicos, viciados, jovens em perigo moral, usando a terapêutica pelo trabalho, entrevistas pessoais; sustentando lares para crianças, velhinhos, mães solteiras e bebés; hospitais e maternidades; dispensários; clínicas; sanatórios e leprosarias, acampamentos para juventude; restaurantes populares; escolas, infantários, grupos de alfabetização e outros centros de auxílio social e de evangelização.

O Exército de Salvação iniciou a sua obra em Portugal em 1972, existindo actualmente dois corpos de evangelização, um centro social em Lisboa (Picheleira); Porto (Ramalde); Amadora (Reboleira). A obra está em pleno desenvolvimento e as classes mais modestas e pobres da nossa população começam a sentir a sua benemérita acção. O Evangelho é anunciado e as necessidades são satisfeitas. Em breve, será também aberto um lar para velhinhos numa formosa localidade perto de Sintra.

Sempre que os Escoteiros se cruzarem com soldados do Exército de Salvação, homens e mulheres, saúdem-nos com amizade, são soldados da *boa acção*, e ajudem-nos, se a colaboração for necessária.



« NORDJAMB 75 »

Num dos últimos números do « *Sempre Pronto* » menciona-se os países que emitiram selos postais dedicados ao XIV Jambori Mundial, com uma chamada ao facto da *World Scouting* não mencionar os selos emitidos pelas Ilhas Maldivas.

Não li a citada revista e fico na dúvida se a referência à Noruega é pelo inteiro postal ou se pelos dois selos que aqui já mencionei, e ainda se os emitidos pela Suécia se integram na comemoração do evento, uma vez que os mesmos nada dizem.

Dos países mencionados tenho as seguintes peças:

Antigua	—	4 selos + 1 bloco
Coreia do Sul	—	5 selos
Gabão	—	2 selos
Grenada	—	7 selos + 1 bloco
Grenadinas	—	7 selos + 1 bloco
Mali	—	3 selos
Nicarágua	—	10 selos + 2 blocos
Novas Hébridas	—	8 selos
Suécia	—	2 selos

o que perfaz o total de 48 selos e 5 blocos, a que acresce o inteiro postal — a peça mais interessante — e os referidos 2 selos da Noruega postos a circular por altura do Jambori. Não recebi ainda os da Venezuela.

Mais tenho ainda:

Togo	—	2 selos + 1 bloco
Ilhas Maldivas	—	3 selos + 1 bloco,

uns e outros peças filatélicas emitidas por ocasião da 1.ª Conferência Mundial em África, com sobrecarga alusiva ao *Nordjamb 75*. Peças genuínas, pois.

Igualmente adquiri a emissão do Ghana — 4 selos + bloco — dedicada também ao acontecimento.

Em conclusão: 61 selos, 8 blocos e um inteiro postal.

Em face do exposto e dado que tenho estado afastado do noticiário filatélico escotista internacional, seria interessante e útil que alguém desse as achegas necessárias relativamente às peças controversas:

Noruega — Suécia — Ghana.

J. M. MENDES MARQUES — *Seia*

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro

Vandalismo



Seis das oito árvores de fruto plantadas no local da protecção à natureza, no Parque de Escotismo da Caparica, foram maldosamente arrancadas e levadas para fora do campo.

Com este acto criminoso ninguém ganha: nem os animais, que poderiam ter frutos para sua atracção (e uma das árvores já estava a dar os primeiros), nem a mão maldosa que fez o trabalho, porque, onde quer que plante as árvores, estas morrem.

Para infelicidade nossa, averiguámos que não foi gente de fora que fez o delito, mas sim pessoas que normalmente frequentam o Parque.

Pode ser brincadeira de garotos ou patifaria de gente um pouco mais crescida.

Daqui apelamos para os dirigentes escoteiros no sentido de que nos seus grupos sejam relembrados os valores espirituais do escotismo, senão onde vamos parar ?

Vós, escoteiros e guias de patrulha, não deveis consentir uma tão baixa moralidade nos vossos grupos. Fazei barreira forte ao mau escotismo que por aí grassa e começai por cumprir a Lei e a Promessa.

Vosso amigo
Pata de Lobo

PROTECÇÃO À NATUREZA



Li com muito interesse os seus artigos sobre a protecção à natureza dirigidos ao irmão escoteiro. Não sou escoteiro, mas sou leitora do vosso mensário e também grande amiga da natureza. Apesar dos vários assaltos efectuados, nos últimos meses, e dos avisos de amigos, vou continuando os meus passeios a pé nos parques e matas nacionais, por amor à natureza. Há três anos, escrevi-lhes sobre a protecção dos pombos e contra o tiro aos pombos, sobre a protecção das aves canoras e contra os rapazes com fisgas. Vi na vigilância e no esclarecimento daqueles rapazes ignorantes uma bela tarefa para os escoteiros.

No vosso artigo dos números 369/370 esperava encontrar alguma coisa neste sentido. Fiquei desiludida ao ler que a protecção aqui começa por remodelação, para não dizer: destruição da natureza! Desculpem-me por achar que devo tomar posição e dar a minha opinião sobre isto, mas tenho um certo receio desse modo de protecção!

1. Porque é que o Parque de Escotismo da Caparica será «o local indicado»? Qualquer canto da natureza parece-me indicado para este fim. Por exemplo: justamente neste mês, ouvi cantar um passarinho nas árvores da minha Avenida. Depois de o ter observado várias vezes, verifiquei que é um chapim que agora com o seu belo canto já encanta a minha vida trivial.

Os escoteiros têm a intenção de abrir clareiras. — Porque é que querem começar a destruir árvores? É isso que chamam protecção à natureza?

2. As aves nem precisam nem gostam da intervenção humana para encontrar a sua comida e bebida, ainda menos numa terra meridional que não conhece a rigidez do Inverno. Os pássaros alimentam-se de insectos. Se no Parque de Escotismo não houver nem tanque, nem poço, nem fonte, um alguidar ou uma taça com água sempre renovada serve de bebedouro.

Quais são as notas que os escoteiros devem tomar? — Se um rapaz ficar no mesmo sítio silenciosamente, horas e horas seguidas, talvez consiga com muita paciência observar qualquer coisa. Dois ou mais rapazes juntos não aguentam estar calados bastante tempo para não assustar ou tornar desconfiados os animais. Em breve, verão a inutilidade de tal posto de observação.

3. Porque é que querem plantar árvores de fruto? Do que conheço do Parque, este situa-se num terreno arenoso de antigas dunas. Sabem se as cerejeiras se dão em terrenos arenosos? E por que motivo deveriam as aves canoras preferir as cerejeiras às mimosas e às acácias? Os pardais comem cerejas, mas esses podem observá-los em Lisboa; para isso não precisam de parque ou mata. As aves canoras comem insectos!

4. Querem criar condições para o desenvolvimento de coelhos no Parque. Não sabem que os coelhos, por sua reprodução espantosa, facilmente se tornam uma praga, como p. e. na Austrália, e na Ilha da Madeira onde, por essa razão, foi necessário queimar todas as matas?

Que espécie de animal é um rato-esquilo? — O esquilo é um animal engraçadíssimo que vive nas coníferas em florestas de países nórdicos e central-europeus. Provavelmente, a vida em Portugal não lhe convém, não aguenta muito calor. — O rato é muito mais pequeno, vive no mundo inteiro: em casas, no campo, etc., em geral em buracos na terra. Estas duas espécies têm uma vida muito diferente. Interessa-me conhecer o cruzamento entre o rato e um esquilo!?

5. Serão escusados todos os estudos através de desenhos, fotografias e filmes. Pois os bichos não vão acorrer àquela zona artificial, mas sim fugir dela.

Parece-me que na actividade planeada não se trata apenas de protecção à natureza, mas dum género de reserva. Será isto o começo para os rapazes estudarem a natureza e fazerem boas acções, como o escotismo exige? Porque é que não começam com uma actividade protectora mais simples? Há tantos animais abandonados, cães e gatos, por toda a parte! Vivem na miséria e passam fome desde o dia do nascimento até à morte devida à fome. — Além disso, não acham que os escoteiros podiam tomar a iniciativa para aliviar um pouco a vida dos animais presos no Jardim Zoológico? Já foram ver Jardins Zoológicos em outros países, para comparar? p. e. em Paris, em Basileia, em Hamburgo, em Francfort?

Por acaso, o artigo sobre os vossos estudos para o seu «Projecto-Piloto de Protecção à Natureza» apareceu no mesmo número em que se comunica um assalto no Parque de Escotismo da Caparica. Os escoteiros não são capazes de proteger o seu parque, nem 4 500 escudos em dinheiro, nem roupa, nem conservas, mas acham-se capazes de proteger animais, naquele mesmo parque, que não precisam da sua protecção!

Estou convencida que esta vossa maneira de protecção à natureza não é recomendada por B.-P., e se for numa maneira semelhante, então é para os países frios como a Inglaterra, a Suíça, a Escandinávia etc.. Cada país tem as suas condições próprias de vida, tanto para as pessoas como para os animais. Vamos primeiro estudar essas condições!

Stephanie Lion

O PROGRAMA ESCOTISTA — 6

(Continuação do n.º 356)

Por CARL A. LINSTÉN

Competição

Por duas razões devemos falar da competição: em primeiro lugar, porque ela desempenha um papel pedagógico particular nos programas escotistas, isto porque, por toda a parte e sempre, ela tem sido largamente utilizada. Em segundo lugar, devido a duas correntes de opinião, uma a favor, outra contra ao emprego deste método.

O novo programa dos *Boy Scouts of America* favorece-a: «As actividades competitivas serão utilizadas como um proeesso de estudo fundamental e como meio para valorizar o crescimento e o desenvolvimento dos rapazes». Na Austrália, há uma opinião completamente diferente: «... na sociedade em geral e nas escolas em particular, insiste-se já em demasia com a competição, a qual pode fazer diminuir a auto confiança e o amor próprio dos menos dotados». Na Suécia, a competição é considerada como um método duvidoso e, por vezes, perigoso para criar a motivação. Os Suecos afirmam muito simplesmente que «o mundo inquieto de hoje necessita mais de cooperação que de competição».

É necessário que os talentos sejam recompensados mais cedo

Crê-se que, em certos países, as provas abrangem uma elevada quantidade de assuntos e, por esse motivo, os escoteiros têm de trabalhar durante demasiado tempo para as obter. Com o fim de eliminar uma diminuição de interesse resultante do largo prazo entre o momento em que o escoteiro começa a trabalhar para obter uma prova e o momento em que a alcança, foram encurtados os intervalos geralmente existentes ent e as provas e estas aumentadas em número. Além disso, reccmenda-se que, em certas regiões, os certificados de aptidão sejam conferidos imediatamente.

Qualidades significativas e disposições para adquirir a experiência e técnica da vida cívica em relação com as realidades da vida moderna

Este título abrange assuntos extraídos das relações entre países e indica que foi feito um esforço para melhor harmonizar a metodologia e o conteúdo nos novos programas com as realidades do mundo moderno.

Eis alguns exemplos que estão relacionados com diversas actividades tradicionais do escotismo:

A arte de fazer nós tem longas e remotas tradições no escotismo. Infelizmente, esta actividade parece ter-se tornado uma tarefa que se basta a ela própria e é comum verem-se os escoteiros a fazer nós engenhosos, como se se tratasse de uma parte repetida e extensa do programa. Além da destreza que essa tarefa exige e da vaga possibilidade de que ela possa distrair os rapazes, esta actividade pode, em vez disso, ser considerada como uma forma de terapia activa. Em muitos dos novos programas recomenda-se que, a esta tarefa seja dado um sentido, que o ensino deve ser inserido num contexto conveniente e que não deve ser separado das suas aplicações. Conclui-se que não se deve exigir que «se saiba fazer o nó direito», mas que se saiba «fazer um embrulho com a utilização dos necessários nós para tal». O novo programa britânico dá um exemplo da forma de utilizar esta arte de uma maneira inteligente: «aprender a fazer e a utilizar correctamente três diferentes nós para campismo, navegação, alpinismo, etc.»

Muitas associações consideram que, no mundo de hoje, seria difícil encontrar argumentos válidos para a inclusão do alfabeto morse ou da sinalização por semáforo nos programas escotistas. Por isso, muitas dessas actividades foram substituídas por coisas mais pertinentes, como seja a correcta utilização do telefone, o envio de telegramas e a utilização doutros modernos meios de comunicação.

Eis, a propósito, um exemplo interessante: em certo país, o alfabeto morse era dado sob a rubrica «Sobrevivência». Mas como já não era possível manter o morse neste capítulo, transferiram-no para o de «Desportos escotistas» sob o pretexto de que os escoteiros gostam dos códigos secretos e, portanto, o morse diverte-os.

(Continua)

ALBANO DA SILVA

Já quando este jornal se encontrava pronto a ser entregue à tipografia, fomos surpreendidos com a chegada do Boletim Oficial da AEP, onde tomámos conhecimento, de entre outras resoluções da Direcção associativa, da exoneração, a seu pedido, do nosso estimado amigo e dedicado dirigente EC Albano da Silva, do cargo de Secretário-Geral da AEP, que há tantos anos vinha desempenhando com a competência que todos lhe reconhecem.

Trata-se de acontecimento de que a nossa Associação vai decerto sofrer as consequências, pois não será fácil encontrar substituto para quem tão devotamente e com tanta capacidade desempenhou aquelas funções.

Pagamento de assinaturas

Alguns dos nossos assinantes continuam animados do desejo de nos ajudarem no pagamento de suas assinaturas. Registamos assim as seguintes remessas:

Srs. Adelino A. Madeira, José Maria F. Rocha, Joaquim Tavares de Oliveira, António Carlos Lapa Conde, Paulo Alexandre Châtillon e Carlos José Trigo.

PATROCINADORES — A nossa estimada assinante patrocinadora Dr.ª Stephanie Lion fez o favor de nos remeter a sua generosa contribuição anual.

Uma iniciativa da Secretaria Mundial do Escotismo

Concurso de Desenho do Fundo Mundial para a Natureza (WWF) — 1977

O Fundo Mundial para a Natureza oferece de novo aos membros das associações escotistas a oportunidade de participarem no seu concurso anual de desenho. Como em anos anteriores, os vencedores terão a honra de ver os seus desenhos reproduzidos em selos que serão postos à venda.

O assunto a ilustrar é *A vida no Mar*. Os pintores podem reproduzir, por exemplo, um trecho da costa marítima, formações submarinas, peixes, aves e outros animais aquáticos, etc.

Os desenhos devem ser em cores vivas (a óleo, em acrílico, a têmpera, a carvão, em aguarela, etc.). O motivo deve destacar-se bem, visto que as pinturas escolhidas serão reduzidas às dimensões de um selo. Os desenhos devem ser de formato A4 (297 × 210 mm.), ou o formato mais próximo que possa ser encontrado em cada país.

A Secretaria Mundial sugere que os desenhos sejam reunidos em cada associação nacional, onde os mesmos serão seleccionados para que, num máximo de 20, sejam enviados à Secretaria Mundial para serem incluídos no Concurso Internacional.

O Concurso está aberto a todos os lobitos, escoteiros ou caminheiros até à idade de 18 anos. No verso de cada desenho, deve ser escrito o nome, endereço e a idade do concorrente.

Os desenhos devem estar na posse da Secretaria Mundial até o dia 15 de Junho do próximo ano (1977).

Artistas escoteiros e lobitos portugueses: vamos tomar parte neste interessante concurso? Mãos à obra!

As pinturas concorrentes não serão devolvidas.

I JAMBORI POSTAL

Alguns escoteiros-chefes do ex-agrupamento do CNE n.º 271, de Malange (Angola), que se encontram no nosso país, pretendem levar a efeito o *I Jambori Postal* em 26 de Dezembro p. f.

Para tal, os interessados em tomar parte nesta actividade, extensiva a caminheiros e chefes, devem enviar, ao EC Amaro João Pereira Barbosa, Rua Alves Redol, n.º 60-7.º dt.º, na Cova da Piedade (Almada), os seus elementos de identificação, a fim de, por esse meio, ser elaborada uma lista de participantes, que será distribuída por todos eles até 31 de Outubro deste ano.

Os postais serão remetidos até o fim deste ano, com uma saudação escotista, no verso, da autoria de cada concorrente.

Outros esclarecimentos devem ser pedidos aos organizadores, para a morada acima indicada.



Rev. José Vasco dos Santos

Em 18 de Maio passado, em consequência de um atropelamento numa das ruas de Lisboa, faleceu o nosso estimado amigo Rev. José Vasco dos Santos, de 77 anos de idade, que há muitos anos era sócio do Grupo 94 e assinante desde o primeiro número de «Sempre Pronto», de que chegou a ser colaborador.

Fez parte da direcção do antigo Grupo 10, anexo à Igreja Presbiteriana de Lisboa (Campo de Ourique), tendo sido sempre um elemento muito interessado nos movimentos da juventude. Fez parte da direcção da União Cristã da Mocidade, hoje ACM, quando esta tinha a sua sede na Rua das Gaivotas.

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto», apresentam a sua viúva, a sr.ª D. Irene da Silva Vasco, os seus mais sentidos pêsames.

Parque Nacional de Escotismo

Quando a local publicada no nosso último número já estava composta, recebemos uma carta do nosso estimado companheiro EC Eduardo Augusto da Silva Xavier, em que, por ter deixado o lugar de adjunto da chefia daquele Parque, vem agradecer a todos os que trabalham em *Sempre Pronto* a forma como foi apreciada a actividade da Patrulha do Parque durante o tempo em que desempenhou aquele cargo.

O nosso amigo aproveita o ensejo para prestar a sua homenagem «ao espírito de continuidade revelada pela equipa de trabalho de *Sempre Pronto*, reconhecendo o seu valor e esforço necessário para manter durante 31 anos um jornal ao serviço do Escotismo, especialmente no nosso País».

Não tem Eduardo Xavier que agradecer a forma como o seu trabalho foi aqui apreciado, visto que tudo o que dissemos não é mais que o reconhecimento da sua dedicação àquela obra.

ESPELEOLOGIA

Escoteiros conimbricenses participam em várias explorações

Muitos dos participantes de um curso que o Clube Espeleológico de Coimbra levou a efeito no passado mês de Fevereiro eram escoteiros dos agrupamentos existentes na bela cidade do Mondego, pertencentes ao Corpo Nacional de Escutas.

O referido curso realizou-se na Casa Telhada, em Cernache, que possui dois algares de fácil descida, portanto muito apropriados para a familiarização com a técnica *rappel*, isto é, a descida em verticais por meio de cabos.

Os algares são poços naturais, mais ou menos profundos, que se encontram nas regiões calcárias, em regra com origem na dissolução química da rocha ou no escavamento e alargamento de fendas existentes na rocha, levados a cabo pela infiltração de águas.

Um dos algares ali existentes, o da Peça, tem 15 metros de profundidade, e o da Morena 35 metros. É um afloramento calcário a norte de um maciço importante que é o do Aire — Sicó.

Naquela zona existem outros locais que aquele Clube projecta explorar, entre os quais a gruta de Telhadela, nas proximidades.

Na vizinhança da famosa estação pré-histórica da Eira Pedrinha residirá certamente o interesse do Clube Espeleológico de Coimbra por aquela região,

SINTRA

O GRUPO N.º 93 (AEP) DE NOVO EM MARCHA

A unidade dos Escoteiros de Portugal com sede em Sintra — o Grupo n.º 93 — foi fundada em 1 de Julho de 1934 e conseguiu logo o melhor acolhimento da população da mais formosa vila dos arredores de Lisboa. Durante a sua já longa história, o Grupo n.º 93 tem tido períodos de grande actividade e pelas suas fileiras têm passado elementos que afirmaram de maneira inequívoca a sua fidelidade ao ideal escoteiro.

Mas o Grupo n.º 93, nos últimos anos, atravessou um período de estagnação e só não desapareceu porque tem sempre encontrado entre os seus antigos membros dedicações que o sustentam e mantêm acesa a chama. Mas, agora, o Grupo vai pôr-se de novo em marcha e são novamente alguns dos seus antigos escoteiros que se propõem impulsionar a actividade.

Assim, na reunião da sua Direcção que se realizou em 27 de Maio passado e em que participaram antigos escoteiros, foi resolvido propor à Direcção-Central da AEP, a homologação de uma nova Direcção do Grupo, assim constituída:

Presidente — José Alfredo da Costa Azevedo; *Vice-presidente* — Eduardo Freire Correia Adão; *Secretário* — Faustino Madeira Duarte; *Tesoureiro* — Mário Lusano Pereira Leite; *Chefe do Grupo* — António Augusto da Silva e Cunha; *Vogais:* Representante dos Pais, vago; representante dos «antigos», Pedro de Almeida Pinheiro; Suplentes: João Henrique Pereira Soares, Miguel Raposo Bicho, José Adriano Marques e Júlio Francisco Lopes.

O novo Escoteiro-Chefe propôs para seu ajudante o jovem estudante de medicina, seu filho, José António Ribeiro e Cunha, que vinha já trabalhando na reorganização do Grupo.

Estamos certos de que a Direcção da AEP vai aprovar a homologação proposta e, portanto, antecipamos os nossos votos pelo completo êxito desta iniciativa para pôr o «93» de novo em marcha!

Dizer bem para pensar melhor

EQUIPA

A palavra «equipa» deriva do francês **«Équipe»**, *que significava em princípio* série do barcos amarrados uns aos outros e impelidos pelo vento ou puxados por homens e cavalos. *É ainda* troço de trabalhadores empregados no mesmo serviço. *Daí a palavra passou a ser usada para designar a tripulação de um barco de recreio ou de corridas.*

Extensivamente, o conceito de ÉQUIPE foi sofrendo evolução e passou a significar um conjunto de pessoas unidas num mesmo objectivo, cooperando, trabalhando em conjunto. E, assim, penetrou no português falado, introduzindo-se especialmente através da linguagem desportiva. Não havia maneira de nos vermos livres do vocábulo, que até era útil. E, então, os mestres, porque o povo é que faz a língua, resolveram adoptá-lo, mas afeiçoando-o ao nosso linguajar. E assim a palavra em português passou a ser — e muito bem — EQUIPA.

Devemos, portanto, abandonar a pronúncia francesa ÉQUIPE e dizer EQUIPA. Convém, no entanto, apreender o seu significado original. A série de barcos amarrados uns aos outros *para um trabalho comum. O espírito de equipa, de que tanto se fala, é aquele que anima um grupo de pessoas que conjugam os seus esforços para uma tarefa comum ou para atingir um objectivo comum. Muito preciso é hoje espírito de equipa! Devemos cultivá-lo sempre que o interesse de uma boa obra o exigir.*

O nosso camarada Capitolino Ferreira Macedo visitou o Grupo 24, do Funchal

O nosso camarada da equipa de Administração, Capitolino Ferreira Macedo, visitou durante o passado mês de Maio, em viagem turística, a cidade do Funchal, tendo contactado com os dirigentes do activo Grupo 24, daquela cidade.

Durante a estadia, o nosso camarada teve oportunidade de reunir com elementos da equipa Baden-Powell, formada por escoteiros madeirenses, em que foram tratados assuntos relacionados com a página «Escoteiro Preparado» que escoteiros da AEP e do CNE estão publicando regularmente no *Jornal da Madeira*.

REGIÃO DO CENTRO

Esta Região está empenhada num plano de formação contínua, PLAFOC, que visa principalmente à reciclagem de dirigentes, isto é, a revisão de técnicas, provas e outras matérias escotistas.

Para isso, organizaram-se já dois acampamentos nos dias 9/10 de Maio e 6/7 de Junho, no Parque de Escotismo da Caparica, que tiveram a presença de dirigentes dos grupos n.os 2, 7, 8, 12, 13, 14, 16, 22, 50 e 94.

Os temas tratados foram: «O valor espiritual do escotismo». «O fogo de conselho» e o «Sistema de Patrulhas».

Na parte prática, o pioneirismo teve como base a construção de pontes e pôs-se em execução a especialidade de mateiro.

Os dirigentes constituíram três patrulhas dirigidas pelo chefe regional.

A. I.

1976

Todos prontos para comunicar

Continuação da pág. 1

que, devido à falta de um sistema nacional de comunicações adequado, mais de metade dos comissários internacionais não transmitem informações; um quinto das associações não possuem directivas internacionais apreciáveis e um quinto dos comissários internacionais não têm acesso aos órgãos directivos da sua associação.

Estas conclusões, e ainda outras a que chegou o grupo de trabalho, tiveram como consequência a apresentação de um plano de acção aprovado pela Conferência Mundial, nos termos do qual 1976 será o ano em que as comunicações vão ser melhoradas. Um processo com documentação acerca deste projecto foi enviado às associações. Outras sugestões serão dadas durante o ano acerca da forma como o nosso objectivo deverá ser estabelecido e melhorado, ou de manter comunicações eficazes no conjunto do nosso movimento, tanto verticalmente, ao nível mundial e ao nível do rapaz, como horizontalmente entre países, grupos e rapazes.

1976: todos a postos... Comunicar!

(De «*World Scouting*»)

TERRA QUEIMADA, GENTE ACORDADA

Continuação da pág. 1

forais obtidos, lavada e penteada, venceu os «filhos-de-algo»; depois a democracia impôs-se aos burgueses em decadência. Mas cada uma das camadas, incertas e irregulares como as da crosta do solo que pisamos, iriam sendo exploradas pelos que só viviam para si, quando muito para um grupo amuralhado ou claustral; e assim progrediu, com os frades activos, os Templários com a espada e a enxada, os Bentos e Bernardos, com a diplomática e a diplomacia, a política e a iluminura; os Franciscanos e Dominicanos com a Oratória e a Escolástica — tudo isto visto num lance de olhos. Tanto lhes devemos, na resistência e subsistência culturais! Mas depois, um profissionalismo gradualmente deformado, veio a justificar, fora dos claustros e das ameias, o nome de *burocracia*, ou predomínio das secretarias e chancelas, guardando «em câmara lenta» o que à militança conquistava e defendia à lançada e a galope. Em vez da burocracia, que vai atravessando as situações, deveria antes ser «buroterapêutica ou burodiaconia», como queiram; porque os funcionários funcionam servindo e não sendo servidos.

•

Irei agora por fim «meter a foice... em seara alheia», o melhor que puder. Sem martelo, nem forquilha, nem machado, nem charrua, tudo símbolos de povos respeitáveis para lá das suas fronteiras. Bem poderíamos nós usar como símbolo o nónio, que acompanhou as caravelas e naus no alto-mar.

A Inglaterra, que connosco recorda às vezes a mais velha aliança mantida entre dois povos, desde os remotos encontros dos pescadores dos dois mares, deu ao mundo dois vultos nobilíssimos, entre outros que não vem ao caso citar. Um é Baden-Powell; escusado é dizer aos Escoteiros quem *é* e continua a *ser*. Ao outro desejo eu reuni-lo, no vosso «Pensamento» com Baden-Powell, e faço-o como outrora arautos anónimos apresentavam à multidão a Personagem que lhe merecia a homenagem: João Ruskin. Não vou encarar o crítico admirável, apaixonado da Natureza como também da arte pré-rafaelista, mas sim no seu amor pelo artefacto popular, amor que terá recebido no Lar, onde o pai se revelava amador benemerente das artes e a mãe o acompanhava na sua vida cristã. Para mim, se Tolstoi foi grande na entronização da Bondade de Deus, Ruskin é o Apóstolo da Beleza Divina, não actuando meramente pela palavra e a pena, mas na acção, digna de nunca ser esquecida. Regressado ao seu século, o XIX, dos passeios ideais pela Idade Média, trouxe consigo a defesa do linho dos teares rudimentares e ensinou que o objecto saído directamente da mão de quem o moldou, cinzelou, pintou, entalhou ou marchetou, tem um valor humano, comunicativo, que a indústria reprodutora lhe não pode negar quando o imita. Quando os seus livros, entre eles as «Manhãs de Florença», saíram à luz, há precisamente um século, foram devorados por muitos leitores, tornando-se moda preferir os lençóis grumosos e ásperos e o fato com gorovinhas, ao que a indústria fabril produzia com requinte monótono. E com os lençóis, nossos companheiros num terço da vida, e o vestuário nos outros dois terços, muitas outras coisas ele contava que não vou aqui enumerar. Prefiro lembrar o que diz um potítico actual, pois aqui desejava chegar: «Em concórdia encontremos uma nova dimensão para os Portugueses, como portugueses. Com o que temos e valemos».

E que riqueza têm em si os pobres ou mal-remediados, na imaginação revelada do artesanato popular que nos deu tapeçaria, cerâmica, rendaria, doçaria, ourivesaria, salsicharia («charcutaria» é asneira), fruticultura, conservaria, trabalhos de cortiça e azulejo!

Os vinhos... porque não cuidar mais e melhor da viticultura do que da vinicultura? A vinha é bênção de Deus, o vinho é manha do homem. Busquemos mais bênção e menos manha. Já vi vender vinho «a vintém o sorvo»! E, em maior desespero, deixá-lo sair em regueira pelo pipo retirado! Bem sei que foi há muito tempo. Mas hoje se afirma que há meio milhão de alcoólicos no nosso país. Com uvas magníficas, das melhores castas, que as temos, não saberemos ombrear com as de Málaga? Não poderemos exportar as de casta mais resistente? Dizem que é a publicidade a autora das estrelas... mais ou menos cadentes. Hoje mais o merecem as nossas uvas, amêndoas, ameixas e figos.

Escrevo sentindo o coração aliado à mente saudosa, não com a saudade que fica para trás mas com a que nos leva adiante. Fui companheiro de estudo primário da senhora que fundou a primeira empresa-colégio dos tapetes de Arraiolos. Julgo que a par de Maria Augusta Bordalo Pinheiro ficaria bem recordar Lucrécia Dordio Borges.

Em Arraiolos soube como, antes da anilina, se obtinham as cores para as lãs: o lírio roxo, o pó de tijolo, o cinzento da fuligem... E quanto à minha actividade dos dez anos cifrou-se, que me lembre, em rolar no grande alguidar a pesada bola de ferro que esmagava o pimentão, e a ajudar a encher paios com pedaços das fêveras e gordura. Tudo singelo? Mas que bom! Arraiolos, Elvas, Alcobaça, Arouca, Margaride, Aveiro, Caldas, onde estais, que não acordais a valer? Morreu o rei, viva o rei! Morreu Bordalo, viva Elias! cada um diferente, e mestre. Aí está a publicidade nova, de cores brilhantes e frases pontiagudas, na meia dúzia de idiomas em que o português de dez ou doze milhões é esquecido, vilmente esquecido.

Bandeiras oferecidas a todas as nações como fez a Finlândia; «cassetes» e discos estatizados em vez de comercializados, com canções genuínas e não parvóides; filmes coloridos do Vale do Vouga, da serra da Lousã, de Sintra rejuvenescida, do Alto Minho e do Algarve inteiro, da Arrábida, do Buçaco, do Gerez.

Falemos da Suíça e da Holanda, mais parecidas connosco pelo espaço onde habitam e labutam: 1/3 a 1/2, *grosso modo*. A Suíça, sem mar, cresceu *para cima* e foi buscar às quedas de água das montanhas a força motriz para a sua indústria. E como à Holanda faltava terra conquistou-a ao mar construindo diques que lhe exigem permanente vigilância. Ambas não têm cacau, como a Noruega, pequena também, e as três exportam chocolate. E a Suíça, sem amoreiras, fabrica sedas, tão famosas como os linhos da Holanda. E se fosse falar de outras, também pequenas em densidade demográfica e condições do solo, tudo resumiria em duas palavras: trabalho e imaginação.

Pensemos de novo em nós. Que temos de constante e mais valioso? A língua, de que somos tradicionais guardiães, e o vasto relevo da costa marítima, de que somos utentes. Devemos, com ela, defender a *lealdade*, apanágio dos nossos Maiores, valor que se cultivou quando, para exigir confiança, se dizia: «sou português!» Quando se diz agora, pelo mundo civilizado: «palavra de escoteiro»? Possamos nós dizer com brio: «Palavra de escoteiro português!»

Com a calma readquerida e o policiamento generalizado, que se não tenha de refundir a história, que todos conhecem, das «mil e uma noites», desta maneira: «Aqui Babá... e os 40 mil ladrões». Com a imaginação alegre de S. Francisco, o Irmão da Pobreza, façamos riqueza colectiva, equitativa, distribuída, substituindo o compadrio pela fraternidade; e imitando a Velha Aliada, no seu lema «Dieu et mon droit», adoptemos estoutro: «Deus e o meu dever».

Vivam Baden-Powell e John Ruskin.

EDUARDO MOREIRA

Notícias do Jambori no Ar

O 19.º Jambori no Ar

O JOTA-76 realiza-se neste ano no fim-de-semana de 16 e 17 de Outubro. Sugerimos que os contactos comecem a ser estabelecidos às 00h01 locais de sábado, 16, devendo terminar às 23h59 locais de domingo, 17. Trata-se apenas de uma sugestão, já que muitas estações acham mais adequado começar logo na sexta-feira à noite e cada estação, naturalmente, pode escolher à vontade as horas e os períodos que mais lhe convierem.

As probalidades de escuta das estações de outros continentes aumentarão, no entanto, se for preferido o horário que sugerimos.

FREQUÊNCIAS ESCOTISTAS MUNDIAIS OFICIAIS

	Em fonia	CW
Banda dos 80 metros	3,740 : 3,940 khz	3,590 khz
Banda dos 40 »	7,090 khz	7,030 »
Banda dos 20 »	14,290 »	14,070 »
Banda dos 15 »	12,290 »	21,140 »
Banda dos 10 »	28,990 »	28,190 »

É essencial que os escoteiros e radioamadores respeitem rigorosamente os regulamentos em vigor.

Propomos que a sintonização seja feita à volta das frequências escotistas mundiais oficiais, que constam do quadro anexo.

São convenientes escutas, durante algum tempo, antes de chamarem « *CQ Jamboree* » para terem a certeza de que a frequência está livre.

Tendo a 25.ª Conferência Mundial do Escotismo designado 1976 como o « Ano Escotista das Comunicações », o símbolo escolhido pela C. M. E. para este « Ano » foi incluído no emblema do JOTA-76. Na verdade, quem melhor do que os radioamadores se dedica às comunicações?

Outras informações sobre esta importante actividade mundial podem ser pedidas à:

Organização Nacional do Jambori no Ar
Associação dos Escoteiros de Portugal
Cais do Sodré — LISBOA 2

Les Mitchell — O « Pai » do Jota, condecorado pela Scout Association

Deve-se a Les Mitchell a ideia da realização dos Jamboris no Ar. Reconhecendo os excepcionais benefícios que a realização desta actividade tem trazido ao movimento escotista em todo o mundo, a associação britânica acaba de o distinguir com a concessão do « Lobo de Prata », a sua mais elevada condecoração.

O EC Justino Estêvão da Silva, organizador nacional do JOTA, por motivo da concessão dessa distinção honorífica, dirigiu a Les Mitchell um ofício em que expressa as felicitações de todos os escoteiros portugueses pela justa homenagem que lhe foi prestada.

O agradecimento de Les Mitchell não se fez esperar, através de uma carta que, pelo interesse que contém, não resistimos a transcrever:

Caro Justino,

Agradeço reconhecido a sua amável carta de felicitações pelo galardão Silver Wolf *que recebi.*

Talvez goste de saber que essa distinção me foi conferida no Dia de São Jorge, 23 de Abril. Presidiu à cerimónia, que decorreu na Casa de Baden-Powell, o nosso Chief Scout, Sir William Gladstone.

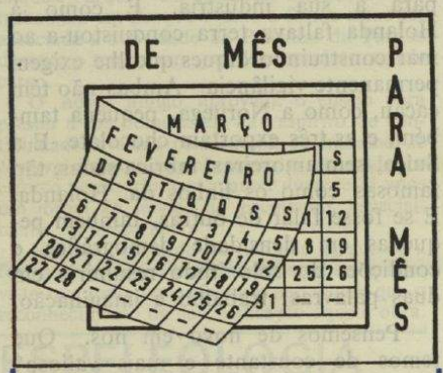
No domingo seguinte, tive o privilégio de assistir à parada anual dos « escoteiros da Rainha », à qual passou revista S. Alteza Real, o Duque de Kent. Seguiu-se uma cerimónia religiosa na Capela de São Jorge, cinco vezes centenária, onde os titulares do Silver Wolf *tomaram lugar na fila de cadeiras normalmente reservadas aos Cavaleiros do Reino. Foi uma cerimónia impressionante, durante a qual toda a assembleia reafirmou a Lei do Escoteiro e a Promessa.*

Durante muitos anos, empenhei-me em concretizar o « casamento » entre os escoteiros interessados pelas coisas da rádio e os radioamadores. O primeiro acampamento de rádio-escotismo que organizei remonta a 1948. Mas só quando o JOTA começou em 1958 é que este « casamento » resultou, graças à maravilhosa colaboração recebida dos escoteiros, radioamadores e pessoal dos serviços de coordenação de todo o mundo. Na realidade, desejaria que o amigo sentisse que uma parte deste Silver Wolf *também lhe pertence, pois sem a sua ajuda este prémio nunca me teria sido atribuído.*

Como alguém já disse, talvez a minha maior recompensa seja, em cada mês de Outubro, aperceber-me da distracção e da satisfação que o JOTA proporciona aos escoteiros por toda a parte.

Confio em que a nossa longa e feliz colaboração se prolongue por muitos anos e bons.

As melhores saudações de
Les Mitchell



«REQUIEM»



Quando « Sempre Pronto » fundou a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal o entusiasmo por este movimento foi enorme. Parecia que a nossa Fraternal iria ter um grande futuro. Assim não tem acontecido, porque os seus corpos dirigentes têm sido constituídos por excelentes pessoas, de quem todos nós somos amigos dedicados, que muito estimamos, mas incapazes de desempenhar os cargos para que são eleitos.

Presentemente, os corpos gerentes da Fraternal nem sequer têm capacidade para se renovar, para dar cumprimento ao Estatuto, fazendo convocar a assembleia geral ordinária, que deveria renovar os seus quadros. Um organismo de antigos escoteiros que não dá cumprimento à sua lei associativa deve considerar-se morto, porque as suas células estão mortas, não se renovam mais.

Há que colocar uma placa na sala, que é ainda a Associação dos Escoteiros de Portugal que lhe cede, com o habitual epitáfio: Repousa em paz!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
Armando Inácio

Equipa de Administração:
Capitolino Ferreira Macedo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Luís Garcia

Número avulso: 5$00 — Assinatura anual: 60$00